

MULTICULTURALISMO CRÍTICO¹

Rosani Sgari Szilagyi²

INTRODUÇÃO

Ao iniciar essa fala, ressalto que a mesma tem a marca indelével do “tempo de uma mulher” que, independentemente de ser medieval, moderna ou pós-moderna, tenta, cuidadosa e combativamente, “agendar o tempo e a atualidade, as exigências e o espírito de época ao seu tempo e relógio interno”, à sua subjetividade, ao seu *self* e identidade, à sua estrutura, funcionamento e dinâmica de personalidade. Para Ramos (1989), “o conflito entre o indivíduo e os sistemas sociais projetados é permanente e inevitável, e só pode ser eliminado pela morte do ser humano ou por sua paralisia, mediante exagerada adaptação às condições sociais exteriores”(p.100).

Essa solidariedade pessoal não é casual, fruto de “guerrilhas” internas e externas; tornou-se um imperativo dos elementos contingentes de minha identidade humana e feminina; daquelas contingências que McLaren chama de *suscetíveis à construção* e daquelas que denomina *enraizadas ou marcadas*.

Não se trata de construir uma narrativa mestra de identidade autoral (segundo palavras do autor), e, sim, de manejar (nas minhas palavras) a insubordinada, rebelde e amiga – “ansiedade”, que, enlouquecida com a insistência da “mãe globalizante”, não aceita de forma passiva a inclusão de uma irmã “virtual” que, embora requintada, é chata porque insiste em me desconectar da realidade e habitar um es-

¹ Resenha da obra de McLaren, Peter. *Multiculturalismo crítico*. Rad. Bebel Orofino Schaefer. São Paulo: Cortez, 1997. Trabalho apresentado na disciplina de Teorias da Educação, do curso de mestrado em Educação da UPF.

² Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo – RS.

paço histórico extraterrestre, sem considerar nossas realidades.

Penso que o clamor do autor no que diz respeito ao...“expressar-se, mas expressar-se bem e, com um efeito pedagógico máximo” (p.22), é tanto quanto adequado, confortante; incita o leitor a focalizar seus sentimentos e percepções, sua reflexão e análise, e a verbalizá-los com um volume maior. É como se a leitura permitisse aumentar o volume do rádio (interno), ser ouvida, criticada e, finalmente, incluída no contexto como personagem ativo e não passivo.

Agradam-me a idéia e o sentimento com relação ao autor de “parentesco intelectual” prefaciada por Paulo Freire: aceitar as dessemelhanças e os descompassos. Não subjugar as pessoas à mesmice. Confesso que encontrei naquele instante de leitura um lugar à mesa. Por outro lado, pus-me a pensar em... “Mas é no encontro pessoal em que os discursos se vão completando, que se confirma o “parentesco intelectual” (p.11) e desejei ardentemente promover encontros pessoais.

Peter McLaren é considerado um dos maiores expoentes da pedagogia crítica na atualidade e, muito embora seja de origem canadense, nascido na cidade de Toronto, em 1948, na década de 1980 foi viver nos Estados Unidos, o que lhe possibilitou contato e experiência com diversas escolas públicas da periferia; foi também lá que ele experimentou a aproximação com as diversas nacionalidades, por meio dos imigrantes. Essas vivências parecem ter contribuído para o lançamento da pedra fundamental de sua teoria, pois, segundo Gadotti, “ele aprendeu com os imigrantes que não é mais possível separar o Primeiro do Terceiro Mundo” (p.13).

Com relação ao autor, devo confessar que as suas qualidades requerem justiça na apreciação. Trata-se de um expoente, está na vanguarda do cenário americano e das Américas; possui uma fantástica coordenação de idéias e um conhecimento que todo estudante deseja construir, conquistar e possuir; desperta para o desejo do desenvolvimento da cognição.

Sob essa mesma força, apresenta, no transcorrer da obra, um vocabulário que a classe trabalhadora educacional brasileira desiste de entender, nem tanto por uma resistência psíquica fragilizada, mas pelo excesso de requinte no discurso.

Assinala o autor essa percepção sob o prisma de que

a pedagogia crítica não trabalha em direção ao final grandioso de uma história mundial ideologicamente compreendida, mas, em vez disso, busca elucidar o indefinido e explorar outros modelos de sociabilidade e organizações sociais. Ao fazê-lo a pedagogia crítica tem sido acusada, com frequência, de inacessível aos professores comuns. Trinh T. Minh-há(1991) desenvolve um alerta preciso contra tais pedidos por linguagens acessíveis. Ela escreve que “a resistência à linguagem complexa da teoria pode reinstituir o senso comum como uma alternativa à teoria – isto é, pode conduzir a uma nova ditadura de um nativismo pré-teórico no qual a experiência supostamente fala por si só”(p.97-98).

Seria errôneo não apreciar essa elucidação, pois ela amplia horizontes e novas

percepções, como a idéia de que o multiculturalismo crítico pretende estar protegido das mil e uma oportunidades de distorção. Penetrar ou adentrar na pedagogia crítica requer do principiante uma resistência crítico-pedagógica, determinação, vontade e opção.

Aristóteles considera a retórica, em relação a outras disciplinas, como um “ramo de estudos dialéticos e também éticos”. Chama a atenção sobre a relação entre o poder da palavra. O reconhecimento do caráter ambíguo da linguagem é, para Ramos(1989), tão antigo quanto os gregos:

Platão e Aristóteles não foram os únicos sábios gregos conscientes do fenômeno da política cognitiva. Na Grécia o alcance e o impacto sociais dessa política puderam ser mantidos sob o controle dos usos e costumes predominantes, e do processo educativo ocorrido nos grupos formais e informais, em que os gregos aprendiam os deveres da cidadania. A filosofia e a educação sistemática também serviram como forças de compensação, contra a proliferação da política cognitiva (Ramos, p.89).

Partindo do princípio de que a política cognitiva é a moeda psicológica corrente da sociedade centrada no mercado, é de se prever que a cultura seja destruída. Assim, é perfeitamente compreensível a preocupação do autor com relação aos elementos de sua própria teoria, ou seja, da teoria multiculturalista.

É sempre bom lembrar que o livro foi escrito para educadores progressistas, sendo, portanto, eletivo. Gadotti, quando

da apresentação da obra, fidedignamente alerta: “Nesse livro, o autor destaca o papel significativo que um multiculturalismo crítico pode jogar na construção das políticas educacionais dos próximos anos. Nisso ele abre um campo de pesquisa, de reflexão e de atuação para os educadores brasileiros ainda pouco acostumados a debater essas temáticas no seu cotidiano” (p.17).

Plenamente consciente dessas limitações do nosso cotidiano, a presente resenha crítica se propõe a contribuir na reflexão e debate dessas temáticas, a promover e estimular este campo de pesquisa e a sensibilizar os educadores para a inserção na pedagogia crítica. Nesse sentido, até mesmo os subtítulos dos capítulos sofreram alterações.

Conversar com McLaren como leitora viajante é ser convidada a repensar e orientar intervenções sociais mais justas, reconhecer sua própria natureza, identificar novos cenários, agenciar novos papéis dentro e fora do espaço acadêmico. Nesse contexto, constrói-se a presente resenha.

A OBRA E O CONTEXTO

Desafios para uma educação de esquerda graças ao golpe retumbante da direita

Os dilemas em torno da globalização do capital e as implicações dessa globalização para a produção de subjetividade e identidade refletidos por McLaren encontram, na visão dele, eco e sustentação nos objetivos da democracia capitalista: performatividade e poder. As fontes utilizadas com eficácia pelo autor dão sentido e profundidade à sua análise com relação ao fenôme-

no da globalização. Sua expressão é relevante quando se refere à “McDonaldização de todo lugar” (p.24). Significa dizer, no meu entendimento, que a mesma não é sinônimo de experiência global coletiva, nem é sinônimo de avanços coletivos. É fruto da eficiente obediência aos princípios do liberalismo econômico clássico.

Atrevo-me a complementar dizendo que a Nova Ordem chegou de mansinho; gradativa e progressivamente, o capitalismo implantou ideologias cujos sustentáculos se parecem aos do polvo marinho. Entra em todas as casas, lares, famílias provocando uma verdadeira epidemia.

O caráter psicologicamente disfuncional da estrutura e ideologia dominante é percebido pelos estudiosos; o que parece despercebido é o choque que tudo isso produz sobre a vida total do cidadão. Até mesmo os psicólogos (categoria na qual me incluo) parecem focalizar inadequadamente a sua atenção sobre o atendimento da necessidade de personalização dos cidadãos no contexto. Valho-me, nesta reflexão, de Ramos, quando diz que “a nossa é uma era de remendagem psicológica”(1989, p. 56).

McLaren estimula esse tipo de reflexão à medida que fala que “o poder capitalista unifica-se globalmente por meio da política do medo”.

Na perspectiva de minhas percepções, captar o papel da esquerda e dos psicólogos nesse movimento “comportamentalista”, em que a política do medo está estabelecida, não é tarefa simples.

O custo psíquico é alto e atemorizador: estresse físico, mental e emocional; sentimento de perda permanente; tênues, frágeis e obscurecidos sentimentos de ganho e uma impotência imponente, todos

provocadores de estratégias redundantes, automatizadas, pouco criativas e ineficazes. Até mesmo dessas condições humanas a direita se fez parasita e sugou energia para contra-atacar.

No seguimento desta análise pessoal, incluo o autor quando destaca: “Parece-me que a direita desferiu um golpe retumbante contra a esquerda ao tirar proveito de sérios erros que os esquerdistas têm acumulado, em nome da libertação e da justiça social, ao longo das duas últimas décadas”(p.35).

Complementando, acrescento à análise dois aspectos: o primeiro está relacionado com o título que adaptei ao primeiro capítulo do autor. Trata-se de olhar o lado positivo do golpe. Ao senti-lo, a esquerda, um tanto adormecida e torpe, percebeu, pós-golpe, retumbante, que precisava educar-se; dimensionou novos desafios. O segundo aspecto é a idéia de que até mesmo o conceito de sanidade mental foi inteligentemente explorado pelo capitalismo global: quando útil, transforma-se num instrumento ideológico disfarçado; confere significado às organizações formais, apoiando-se numa concepção de sistema demasiado holístico. Dessa forma, também a psicologia pode rotular a esquerda e conferir à direita certificado de saúde mental.

Nesse sentido, para o autor, entre os muitos desafios para uma educação de esquerda - e de psicólogos (eu acrescentaria) - está o de perceber qual é o cenário apropriado para desmistificar esse quadro, qual é a *metacomunicação* mais propícia para desmascarar as correntes discursivas e as identidades subjetivas que se traduzem na forma de trabalho produtivo. Pergunto: que epistemologias de base estamos construindo

do? Como construir uma pedagogia crítica baseada na luta anticapitalista, anti-racista, anti-sexista como bem define o autor? McLaren sugere: "...Articulações de novas epistemologias, novas epistemes de resistência tanto na prática da teoria quanto na teoria da prática. Alistar nossas pedagogias a serviço de pessoas pobres, despossuídas e oprimidas. Significa interrogar, perturbar, desmistificar, descentrar criticamente os sistemas de inteligibilidade que guiam a sociedade" (p.52).

Penso que existem muitas interrogações estéreis dentro da esquerda e, por consequência, muitas explicações que não resultam em qualquer tipo novo de prática. Muitas vezes, um questionamento apenas socioeconômico é insuficiente. Não seria melhor perguntar o que acontece aos cidadãos de esquerda que os impede de poderem reconhecer as funções da direita? Parece-me que as dificuldades em reconhecer que muitas discussões são rigidamente mecanicistas impedem a esquerda de perceber suas próprias contradições.

McLaren nos diz que, dentre algumas formas do multiculturalismo, o multiculturalismo liberal de esquerda talvez esteja equivocado ao estabelecer um *pedigree* político aos seus, reduzindo-o a aspectos pessoais. Observemos:

É claro que eu não estou argumentando contra a importância da experiência na formação da identidade política, mas, em vez disso, estou apontando que ela tem se tornado a nova autorização para a legitimação da validade incontestável e do trânsito político dos argumentos próprios de uma pessoa. Isto tem resultado, com fre-

quência em uma forma de elitismo acadêmico (p.122).

Concordo com McLaren, cuja observação é providente. Eu diria que também essa brecha a direita explora com categoria. A tendência em estigmatizar ou rotular pessoas é uma tendência perigosa porque, na prática, pode tornar-se de tal forma opressora, ainda que não sensacionalista, que, como o multiculturalismo conservador, passa a analisar o contexto e a dar nome às pessoas, às coisas e às ações como se delas não fizesse parte.

Nesse momento, inconscientemente, estão todos, esquerda, pedagogos, críticos e demais identidades, agenciando espaços à direita, à elite cultural branca, ao multiculturalismo conservador e a quem quer que seja, a ocupar, desproporcional e irracionalmente, as posições de poder.

Não tenho dúvida de que a realidade requer novas epistemologias, que não se transformem em poderosos sistemas epistemológicos a ponto de restringirem e influenciarem os cidadãos por meio de políticas cognitivas cujo conhecimento é manipulado, pois consiste, segundo Ramos (1989), "no uso consciente ou inconsciente de uma linguagem distorcida, cuja finalidade é levar as pessoas a interpretarem a realidade em termos adequados aos interesses dos agentes diretos e/ou indiretos de tal distorção" (p.87).

Quem sabe possamos todos investigar as consequências políticas e psicológicas do domínio da racionalidade instrumental sobre as sociedades modernas e pós-modernas e realizar, constantemente, junto ao autor e do mesmo modo que o autor, um exame crítico mais profundo do desenvolvimento capitalista, que impõe sérios

limites à livre-comunicação entre os seres humanos, por mais conscientes que esses possam estar ou acreditar ser.

RESISTINDO E TRANSFORMANDO

Dissolver o significado de democracia e liberdade nos ricos aforismos das manchetes de campanhas eleitorais ou em liquidações dos *shopping centers* urbanos é, segundo o autor, a estonteante forma que o capitalismo encontrou para apresentar a democracia ao público. Faz-nos crer que o capitalismo retirou-a de seu lugar de destaque e colocou-a em todos os planos, o que equivale a dizer em nenhum plano. Esvaziou-se. Para McLaren, “deparamo-nos com um ataque crescente à inteligência humana desenvolvido pelos arquitetos da cultura de massa, uma dependência crescente de estratégias sociais manufaturadas pelos meios de comunicação de massa para construir significado e atingir consenso sobre questões morais, e sobre o fortalecimento” (p.58).

Talvez essa atitude se enquadre naquilo que Ramos (1989, p. 52) denomina de *síndrome comportamentalista*: “É uma disposição socialmente condicionada, que afeta a vida das pessoas quando estas confundem as regras e normas de sua conduta como um todo... ela é a ofuscação do senso pessoal de critérios adequados de modo geral à conduta humana, tonou-se uma característica básica das sociedades industriais contemporâneas.”

Essa característica, na minha avaliação, um tanto incorporada na sociedade pós-moderna, parece constituir-se num dos ossos duros de roer do pós-modernismo de resistência e do próprio culturalismo crítico que

se pretende social e histórico.

Enfatizo que, se o multiculturalismo não é, simplesmente, uma questão de atitude ou estado de espírito e pretende conquistar o respeito e o olhar de todos sobre as diferenças problematizando a diversidade e promovendo o debate sobre si própria, sobre a pedagogia e sobre a transformação social, também deve atentar para as mais variadas interpretações a seu respeito e possíveis construções epistemológicas.

Nesse sentido, o autor o faz com veemência quando refere que “a teoria social pós-moderna tem denunciado corretamente que carecemos de um vocabulário ou epistemologia que seja capaz de revelar o mundo empiricamente traduzível e precisamente mapeável, e que a experiência e a razão não podem ser explicadas fora das produções sociais de inteligibilidade” (p.61).

Para McLaren, o pós-modernismo de resistência, ao considerar o nível macropolítico da organização estrutural tanto quanto o micropolítico de manifestações de opressão, preocupa-se com uma pedagogia multicultural que contemple especificidades: raça, classe, gênero, orientação sexual, de tal modo que oriente o desenvolvimento de um currículo para a liberdade e libertação.

O autor assinala para as limitações de um multiculturalismo (perversões subreptícias da democracia e do capitalismo) que permitem o esvaziamento de toda a identidade racial ou étnica e constituem o “desnudamento cultural” conforme a crítica do pós-modernismo. “Cidadãos e cidadãs são convidados a se esvaziarem de toda a identidade racial ou étnica”(p.72).

A criação de identidades formais dá

a ilusão de identidades e apaga a diferença. McLaren e todo o pós-modernismo de resistência argumentam que as pessoas precisam repensar as relações entre identidade e diferença. Essa não é “obviedade cultural”, tal como negro *versus* branco ou latino *versus* europeu ou anglo-americano; em vez disso, as diferenças são construções históricas e culturais. A luta por uma sociedade multicultural implica a aceitação intercultural das complexidades dessas relações.

Em ato contínuo, alerta-nos o autor de que é na complexidade dessas relações que encontramos a totalidade. Sem tiranizá-la, é preciso mantê-la a fim de que a diferença seja compreendida como contradição social; do contrário, pode atender à manutenção de regimes opressores, devendo então ser rejeitada. Negociar a partir de múltiplos interesses exige, por si só, um pensamento totalizante, “...uma concepção pluralista de justiça, política, ética e estética”(p.84).

Para os pós-modernistas de resistência (McLaren em especial), a educação multicultural oferece essa possibilidade. Interroga o local (raças, classe e gênero dos alunos e alunas) sem perder de vista a sociedade maior na qual estão inseridos. Nada é marginalmente conectado, e, sim, compreendido de forma relacional. Essa prática permite que o educador entenda as intenções subjetivas, reconheça os discursos internalizados e organize visões de futuro.

É importante salientar o *como* o autor propõe às educadoras formas de abordar ou mediar o real: colocar-se do lado de fora dos remanescentes das línguas, dos vocabulários, dos espaços lingüísticos. De-

vem, igualmente, perceber como se articula o poder nas relações de classe, raça e gênero (as detentoras individuais de saber *versus* alunos desprovidos de identidade e subjetividade).

Para o autor, é preciso descobrir novos ritmos, novos compassos, e acessar uma pedagogia que possibilite encarar a infertilidade da cultura pós-moderna, empregando um discurso e um conjunto de intervenções sociais nas práticas culturais que desmistifiquem patologias num espaço narrativo em que cada qual possa fazer história.

AGENCIANDO OPOSIÇÃO AQUI E AGORA por um multiculturalismo crítico nosso

Ao ler este capítulo, visualizei leituras do Brasil e deparei-me com autores como Silvio Romero, Manoel Bonfim e Euclides da Cunha. Somos sabedores de que, dentre os três autores, apenas Manoel Bonfim se contrapôs claramente às teorias raciais, o que resultou numa concepção de povo mais abrangente com relação aos demais. Vale a pena recordar que a espinha dorsal de Silvio Romero é que as diferenças raciais acabam justificando a inferioridade do brasileiro, em virtude de sua própria natureza. Euclides da Cunha acreditava no domínio dos povos superiores (fortes) e no desaparecimento dos mais fracos; ou pela miscigenação, em que predominaria a raça branca superior, ou pela força da civilização, constituir-se-ia um povo brasileiro superior. Bonfim, absorvido pela cultura ou por um multiculturalismo conservador, partilha o senso comum de que as diferenças

são entendidas como parte da natureza das coisas; parecia natural que brancos fossem melhores que negros ou mestiços.

Com efeito, esse terror branco que o autor denuncia nos Estados Unidos também é real no Brasil. Ler a obra como se isso ocorresse fora daqui seria uma atitude cômoda e acrítica. Da mesma forma, a leitura chamou-me a atenção para a “posição monodiomática” (nas palavras do autor). Vejo-a adotada em nosso país, especialmente no meio acadêmico, quando se faz do inglês a língua oficial para um concurso de mestrado ou doutorado ou como língua extra-oficial, como “acesso ao conhecimento e à produção deste”. Cria-se quase que um caminho unilateral, que poderia ser igualado à percepção do autor: o sistema educacional é direcionado para determinada população, elitizando-o.

Penso também sobre os autores que tenho lido e sobre lideranças do meio político, artístico e acadêmico que, como o autor, não são de origem americana, mas acabam por residir, viver e trabalhar nos Estados Unidos. A reflexão não é um questionamento daquilo que os Estados Unidos possam oferecer, e, sim, uma tentativa de entendimento dessa interação, dos discursos e práticas de todos, observando, é claro, minhas limitações no trato da questão.

Ao discorrer sobre o autor no que tange ao prestígio das línguas ocidentais sobre as línguas não ocidentais, novamente penso no prestígio de algumas línguas ocidentais, ou especialmente da língua ocidental inglesa sobre as demais línguas ocidentais. Transfiro a pergunta do autor para esta peculiaridade nacional: “Será ela (a língua inglesa) a única capaz de captar a verdade como uma essência?”

Gostaria de desenvolver uma perspectiva epistemológica que privilegie a lógica de construção de narrativa de causa-efeito de McLaren, no que diz respeito às línguas, entendendo que o multiculturalismo crítico e de resistência propicie também uma “agenda política de transformação” nelas, sem ter de permanecer com a sensação de que tudo isso faz parte de uma ordem social maior. Sob o ponto de vista psicológico, arrisco-me a inferir que expressões do tipo *OK*, *soft* e outras tantas usadas em nosso português ensinam, muitas vezes, a dificuldade que temos em dizer que “determinado professor” (por exemplo) não corresponde às nossas expectativas; então, parece ser mais fácil dizer que suas aulas são *soft*, o que, traduzido, significaria, *leves, pouco exigentes*. Fica a minha curiosidade: que reais sentimentos e percepções escondem essas expressões, que não são nem mesmo aportuguesadas, mas que estão incluídas em nosso dia-a-dia?

Segundo o autor, “...a língua ajuda a constituir a experiência ao oferecer uma estrutura de inteligibilidade ou um instrumento mediador por meio do qual as experiências possam ser compreendidas” (p.127). Devemos, então, perguntar-nos: que experiência estamos constituindo e quais são os efeitos dessa experiência? Com que representações lidamos? Quais são os *significantes* e seus significados? Anseio por um currículo multiculturalista crítico que ajude a encontrar essas respostas questionando as diferenças, que não devem ser vistas com um determinismo absoluto de intratáveis.

Oportuno é o chamamento reflexivo de McLaren às educadoras quando refere que “...elas precisam examinar criticamen-

te o desenvolvimento de discursos e práticas pedagógicas *que demonizam os Outros* que são diferentes (ao transformá-los em ausentes e perturbados/as)” (p.135). Parece-me que isso é como se as coisas todas se passassem num contexto social onde esse sujeito (professor) é sempre o diretor da peça; controla o conteúdo, cenas e cenário, pessoas que compõem os personagens da peça e faz referências aos movimentos, enredo e história da peça sempre do lado de fora; admite e demite pessoas e papéis; tira-as da cena e devolve-as à cena.

Nesse prisma, podemos abordar o autor com relação à questão da cultura branca. Para ele, essa cultura “...arroga a si própria o direito de representar todos os outros grupos étnicos”(p.137). Comparativamente, a sensação é semelhante também à do diretor da peça: o poder lhe atribui a possibilidade de arrogar a si próprio o direito de intervir sobre todas as significações (enredo), narrativas (conteúdo), significantes (atores) e significados (resultado/produção final).

Enquadrar, portanto, as políticas de resistência multicultural no contexto significa manejar dificuldades. Muito embora o autor as pontue com veemência e fluidez, elas provocam em mim sentimentos de otimismo e preocupação. Que a pedagogia crítica precisa desenvolver uma visão não reducionista da ordem social, concordo; que o campo social está sempre aberto e que nos cabe explorar todas as suas possibilidades (fissuras, lacunas e silêncios nas palavras do autor), também concordo. Que é preciso desconstruir o social por meio de uma consciência intersubjetiva reflexiva (batizada por Paulo Freire como *conscientização*) e que a mesma pode constituir o

início de uma *práxis* revolucionária, estou, também, de acordo; que precisamos construir novas narrativas, “narrativas de fronteiras”, construir espaços de possibilidade e capacitação, amarrar nossas identidades a formas práticas discursivas e emancipar lado a lado com mudanças nas condições materiais e sociais, também estou de acordo. Da mesma forma, são verdadeiros a idéia e o sentimento de que uma consciência lugar-comum não é o suficiente.

Minhas incertezas residem na busca de educadores em assumirem espaços sociais e lutas que tragam em seu bojo “receitas”; sobre comportamentos e atitudes não abertos à renovação e às mudanças; sobre opções já realizadas, irreversíveis e transparentes nas políticas de resistência pessoal; residem, também, sobre as duas grandes categorias que mobilizam o motor humano: vontade e disponibilidade.

Comungo com o autor em que, certamente, a reforma curricular se constitui num grande espaço de mudanças se esse espaço for realmente assumido e não simplesmente preenchido. O encorajamento para a multiplicidade de vozes e a criação de uma pedagogia dialógica são, para o autor e para mim, primordiais. As pessoas verão a si e aos outros como sujeitos e não como objetos, partícipes ativos da história. Essa intervenção social é um tanto quanto nobre, urgente.

As idéias sobre identidades de fronteira apresentadas por McLaren estimulam e, ao mesmo tempo, roubam “tesão intelectual” (pelo menos para mim), quando refere que essas identidades de fronteira são produzidas em “cenários de “instabilidade oculta”, resultam em um “labirinto de significados”[...] É um mundo onde

identidade e subjetividade crítica dependem do processo de tradução de uma profusão de significados culturais que se intersectam (p.148).

Mais adiante, explicita dizendo aos leitores que "...uma identidade de fronteira não é apenas uma identidade anticapitalista e contra-hegemônica, mas é também criticamente utópica. É uma identidade que transforma o peso do conhecimento em um escândalo de esperança"(p.151).

Gostaria, ainda, de fazer uma referência, neste capítulo, à questão da utopia que o autor levanta, chamando-a de *provisória* e entendida por ele como uma antecipação do futuro por intermédio de práticas e exercícios de solidariedade e comunidade. Parafraseando-o, a sua visão de utopia exige que as pessoas adquiram controle da produção de significado, mas em um sentido pós-nacionalista.

A reflexão que eu faço é a seguinte: se, para o autor, identidades de fronteira constituem uma violação corajosa da normalidade, do decoro burguês e de todos os ritos opressores; se essa não é simplesmente uma prática lunática de negociação e tradução cultural; se é preciso identificar fronteiras linguísticas, espaciais, ideológicas e geográficas não apenas e tão-somente protestando pedagogicamente, quais são as intervenções que devem ser executadas aqui e agora?

Causa-me certa ansiedade não o sonhar, mas a idéia de utopia como algo imaginário, muito distante e quase que pós-moderno.

Olhando para mim, percebo-me no aqui e agora; percebo-me como possibilidade real de intervenções e de mudanças já. Não me rotulem de "ativista". A histó-

ria clama por minha participação. Dela, como possibilidade, quero fazer parte. Nesses momentos, eu a desejo sob uma perspectiva concreta, etc., ações que requerem mais atitudes e comportamentos do que palavras.

DISPUTAS DE FRONTEIRAS

NARRATIVAS MULTICULTURAIS

minhas, tuas, vossas e nossas histórias:
o sim às vozes!

Este capítulo é especialmente típico dos dias atuais. McLaren inicia dizendo, mais uma vez e pela última vez (por se tratar do último capítulo), que "vivemos em tempos perigosos": oligopólios, banqueiros internacionais, modismos, alienação, marginalização, consumismo, pobreza, miséria, capitalismo, etc. O autor tece, com inteligência, com conhecimento, voracidade e ansiedade (espero não estar projetando), verdadeiras teias intelectuais; desvenda tramas, conduz o leitor por muitos caminhos e sinaliza para os perigos de todos os caminhos. Sua narrativa política é contagiante. Apesar de seu manifesto constante para os tempos perigosos e ameaçadores em que vivemos, sinaliza para a transformação destes tempos.

McLaren, ao enunciar que "traduzir uma experiência em uma história talvez seja o ato mais fundamental da compreensão humana"(p.168), fez ressurgir em mim profundo sentimento de alegria. Foi um momento singular no transcorrer da leitura da obra, porque sentimentos, percepções, angústias, incertezas e questionamentos pessoais encontraram, durante alguns instantes, precioso "pouso".

Quero crer que o *aqui e agora* é uma

experiência em uma história; quero crer que o *aqui e agora* não é uma narrativa ideologicamente discursiva; quero crer, conforme pressupõe Foucault (apud McLaren), em “uma concepção engajada da subjetividade humana” (p.176).

Não tenho a pretensão de instaurar neste momento todo o arcabouço conceitual de *narrativas* do autor. Apenas prego importante salientar algumas considerações uma vez que as incorporei nos parágrafos introdutórios ao capítulo.

A idéia que tem o autor com relação à narrativa é a de que essas estão interligadas à idéia de “novos tempos”. Ele se posiciona afirmando:

Esses novos tempos espelham as histórias que contamos para nós mesmos, sobre nós mesmos, histórias que dão forma tanto ao êxtase quanto ao terror do nosso mundo, que adoecem nossos valores, deslocam nossas certezas e, ainda assim, estranhamente nos dão esperança, inspiração e estrutura para os nossos insights. Não podemos escapar das narrativas, mas acredito que podemos resistir a elas e transformá-las (p.162).

Compactuo com o autor no sentido de que precisamos ter capacidade de ler criticamente as narrativas *que já estão nos lendo*. Aliás, diga-se de passagem, uma capacidade *brutal* para fazê-lo, porque afinal, como cita o autor, “...não sabemos se as narrativas falam nossas pessoas ou nós somos falados através de narrativas” (p.162-3).

O mesmo propósito do autor estende-se para as práticas pedagógicas: necessitamos “delinear provisoriamente algu-

mas práticas narrativas novas em Pedagogia” (p.165). Avançando com o autor e enfatizando suas palavras: “Em vez de lamentar a perda das formas pré-modernas de subjetividade narrativa, eu acredito que faz um sentido político maior viver na realidade narrativa do presente, encorajar a subversão de formas de subjetividade estratificadas [...] e lutar contra formas atuais de subjetificação que impedem nossa experimentação com novas formas narrativas de desejo e modos de estar-no-mundo” (p.177).

Mais do que verdadeira, sua expressão é certa. Numa expressão pessoal nada acadêmica, mas muito atual, eu diria “moeu”. Como foi salutar ouvir isso! Na mesma dimensão, o autor conclama o leitor para as *subjetividades* dos cidadãos que têm sido mediadas por novos aparelhos eletrônicos. Como diz o autor, “aparelhos pós-modernos eletrônicos como a televisão, o rádio, o filme e o computador, de forma que a ênfase na interpretação tem aberto espaço para um *eu* simulado e socialmente integrado por meio das políticas de consumo” (p.187).

Na perspectiva de McLaren, é possível atravessar fronteiras culturais. Para isso, é preciso *negociar* identidades novas e híbridas por meio de práticas sociais emancipatórias, tudo isso tanto na esfera pública quanto na privada. Todo imperialismo autoritário e consumidor está sujeito a mudanças.

Identidades híbridas entendidas, segundo o autor, como o narrar de sua identidade, que o estudante que desejar fazê-lo e que esteja fora das identidades de mercado e das políticas de consumo possa, assim mesmo, encontrar “...um espaço

cuja identidade individual encontre significado em expressões coletivas e solidariedade com os *outros* culturais” (p.191). Nessa passagem, encontrei lugar à mesa. Essa posição significa, para mim, a preocupação com a libertação e a justiça social em pessoa; significa “aceitar” o outro incondicionalmente; colocar-se no lugar do outro, ou, ainda, segundo Carl Rogers, exercer *empatia*; significa, ainda, investir afetivamente na experiência humana.

Ao refletir sobre tudo aquilo que acabo de escrever, especialmente sobre esse capítulo, vejo como possibilidade real a efetivação de um mutirão de educadoras e educadores cuja meta seja, como pronuncia McLaren, “detonar o método pedagógico dominante com o intuito de criar cenários culturais em que subjetividades contra-hegemônicas possam ser construídas” (p.201). Não se trata, na minha visão, de um mutirão direcionado a uma “faxina” pedagógica, cujas atitudes, comportamentos, conhecimentos e produções construídas ao longo de nossa história se transformem em lixo. Jogar fora aquilo de que não gostamos e o que não toleramos não me parece ser uma alternativa transformadora. Também não estamos à procura de bodes expiatórios. Trata-se de reconstruir recursos internos, pessoais e coletivos que nos possibilitem sustentar as contradições, suportar as ambivalências, as ansiedades, as incertezas e transformar. Seria quase, segundo McLaren, uma “narratologia crítica” que, muito além de provocar desordem, será estratégica e uma “prática de esperança”.

CONCLUSÃO

Um tanto familiarizada com o autor, encerro a presente resenha crítica, pedagógica e emocionalmente sensibilizada, para muitas vozes: vozes vocálicas, vozes escritas, silenciosas, moderadas e gritantes; vozes agudas e graves, suaves e grosseiras; vozes felizes e infelizes, bem-amadas, pouco amadas e mal-amadas; vozes amargas, oprimidas e opressoras; vozes cantantes, livres e dosadas; vozes de esquerda e de direita; vozes de tradicionais e progressistas; vozes masculinas e femininas, humanas e desumanas, pobres e ricas; vozes de pais e filhos, de líderes e liderados, de velhos, de jovens e crianças; vozes de alunos e alunas.

McLaren sensibilizou-me a alma e o ouvido de tal forma que também minhas pedras e pérolas reassumiram o seu lugar em minha voz. Ela continuará tendo o seu espaço dentro e fora de mim.